

A Pedra Santa: gravuras rupestres na vertente noroeste da Serra da Estrela

*Andrea Martins, Carla Alves Fernandes
e Cristóvão Pimentel Fonseca*

1. A Pedra Santa: historiografia e objectivos

O objectivo principal desta intervenção arqueológica foi realizar o levantamento exaustivo desta rocha com arte rupestre, conseguindo deste modo uma atribuição cronológica e um enquadramento tipológico e cultural das manifestações gráficas existentes.

No âmbito do Relatório dos Trabalhos Arqueológicos (RTA) integrado no processo de Avaliação de Impactes Ambientais (AIA) de um projecto de aproveitamento de energia eólica para produção de energia eléctrica a equipa executou em 2011 o registo gráfico e fotográfico integral e a memória descritiva da Pedra Santa, rocha com arte rupestre.

Este bloco rochoso com gravuras não será afectado directamente pela obra de execução do projecto, tendo sido preconizada em AIA a sua sinalização, vedação, delimitação e acompanhamento arqueológico permanente em fase de obra. Porém, apesar de não ser alvo de impacto directo, foi implementada a medida compensatória que consistiu em efectuar o presente estudo, objecto de publicação.

¹ Arqueóloga – andrea.arte@gmail.com

² Arqueólogos – Archeosfera, Estudos e Consultoria em Arqueologia Lda. - archeosfera@gmail.com

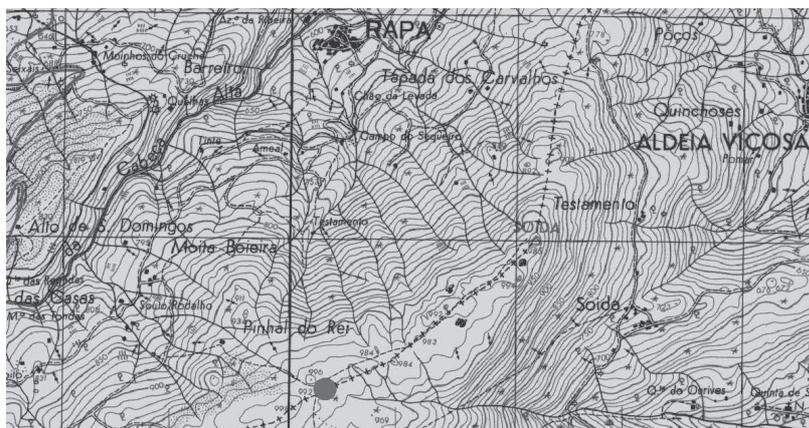


Fig. 1 Localização da Pedra Santa - CMP 1:25.000, folha 192

O elemento patrimonial encontra-se documentado na base de dados do Portal do Arqueólogo da Direcção-Geral do Património Cultural – DGPC (www.igespar.pt). Está classificado como um sítio de arte rupestre, com o CNS 31368, de cronologia moderna e cuja descrição nos revela a presença de “gravuras cruciformes localizadas horizontalmente no topo de um grande bloco de granito de superfície naturalmente aplanada”, estando junto de um dos principais eixos de circulação do planalto (www.igespar.pt). O sítio arqueológico era conhecido da população local e encontrava-se brevemente referido num artigo da investigadora Catarina Tente (Tente, 2007b, 250), onde é mencionado que durante a campanha de 2007 foi feito o seu levantamento. Foi esta mesma investigadora que informou dois dos signatários (Carla Fernandes e Cristóvão Fonseca), aquando dos trabalhos de prospecção no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental, da existência da Pedra Santa localizada nas proximidades do povoado da Soida. Durante os trabalhos de minimização no âmbito do EIA foi realizada prospecção arqueológica em toda a área a ser afectada pelo projecto, não tendo sido identificados ou reconhecidos quaisquer outros tipos de manifestações gráficas ou pictóricas. A Pedra Santa ficou referenciada como elemento patrimonial nº 2 do Estudo de Impacte Ambiental em fase de Estudo Prévio, tendo sido elaborada a respectiva ficha de inventário e avaliado o seu potencial científico (Fernandes e Fonseca, 2008), aprovado posteriormente pela tutela e atribuído CNS. O levantamento efectuado em 2007 não foi publicado

até ao momento.

Assim, o presente estudo foi realizado no âmbito de minimização de impactes, tendo sido autorizado pelo Igespar, sucedendo a entrega e aprovação do relatório final da intervenção. Foi realizado no final de 2010 e a equipa foi constituída pelos signatários e Claudino Rebelo - topógrafo.

2. O espaço: localização e enquadramento geomorfológico

A Pedra Santa localiza-se do ponto de vista administrativo na freguesia de Prados, concelho de Celorico da Beira, no distrito da Guarda. Encontra-se na linha de cumeada a nordeste da aldeia de Prados, que corresponde ao núcleo habitacional actual mais próximo.

Relativamente à implantação cartográfica, encontra-se na Carta Militar de Portugal na folha nº 192, na escala de 1:25000. As coordenadas correspondentes - Datum de Lisboa, são: M – 266642, P – 400241 e está implantado a cerca de 985m de altitude (**Fig. 1**).

Localiza-se na encosta noroeste da Serra da Estrela, parte integrante do Maciço Antigo Ibérico, no qual predominam as formações geológicas graníticas. O granito é uma rocha que imprime uma significativa monumentalidade à paisagem, modelando os denominados “castelos de rocha” (Tente, 2010, 33).

A área de estudo apresenta características inerentes a zonas de montanha, de altimetrias muito

elevadas (que atingem os 1287 metros, junto ao geodésico Cabeça Alta). Domina uma orografia acidentada, com declives muito acentuados e vertentes escarpadas, na qual se destaca o contraste paisagístico entre os vales fluviais, por vezes profundos, zonas mais baixas, férteis e com considerável aptidão agrícola e os cumes montanhosos planálticos e agrestes.

A Serra da Estrela faz assim parte do sistema de montanhas que atravessa a Península Ibérica de E/NE para W/SW, que se inicia a Leste com a Sierra de Guadarrama (Tente, 2010, 31). É um prolongamento da Cordilheira Central que separa as Mesetas do Douro e do Tejo, Castela Velha de Castela Nova. Inserida no Maciço Antigo Ibérico, onde predominam formas arrasadas e desniveladas por um complexo sistema de falhas, a Serra da Estrela caracteriza-se pela sua constituição predominantemente granítica, que lhe confere um relevo de cumeadas planálticas soerguidas ao longo de falhas (Tente, 2007a).

A área onde se encontra a Pedra Santa insere-se do ponto de vista geológico nos denominados Granitos da Mizarela. Este tipo geológico ocorre numa zona entre as povoações de Freixo da Serra, Linhares e Mizarela e caracteriza-se por ser um granito biotítico, porfiróide e de grão médio. Os grandes cristais de feldspato potássico que apresenta são de ortoclase e mostram geralmente orientação bem

definida, coincidente com a exibida pelos restantes minerais da rocha (Ferreira e Viera, 1999, 18). O elemento patrimonial Pedra Santa é constituído por este tipo de granito (Fig. 2).

Do ponto de vista geográfico e geomorfológico a área onde se encontra a Pedra Santa é uma cumeada com cerca de 11 km de comprimento e com orientação W-NE, entre o vértice geodésico de Cabeça Alta (1287 m) e o vértice geodésico de Soida (985 m). Na vertente Norte e Nordeste desta cumeada encontram-se pequenos aglomerados populacionais como Cortiçô da Serra, Cadafaz, Rapa, Aldeia Viçosa, Salgueirais, Prados e Celorico da Beira. Na vertente Sul, Sudoeste e Este localizam-se as povoações de Videmonte, Trinta, Corujeira e Vale de Estrela, Vila Soeiro, Mizarela e, a cerca de 8 km, o aglomerado populacional da Guarda.

A Pedra Santa localiza-se assim no topo desta elevação, a uma altura aproximada de 985 m, tendo um óptimo domínio visual em todas as direcções (Fig. 3 e 4).

As encostas são abruptas, com declives muito

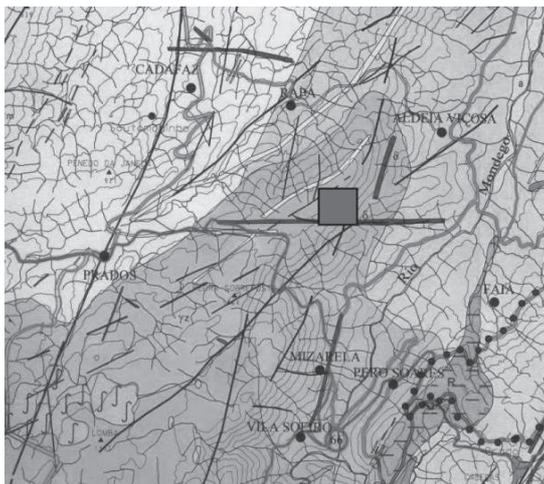


Fig. 2 Excerto da Carta Geológica Simplificada do Parque Natural da Serra da Estrela, escala 1:75.000, com localização do sítio. (Ferreira e Vieira, 1999)

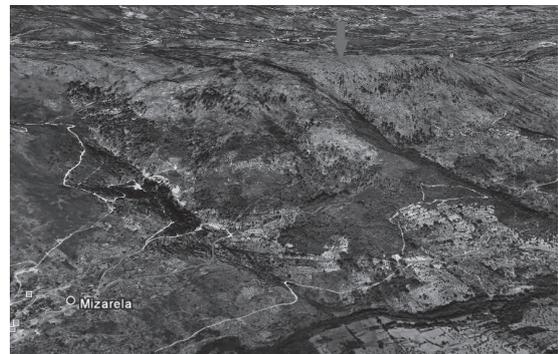


Fig. 3 Implantação geomorfológica – vista a partir de este (www.google-earth.com)

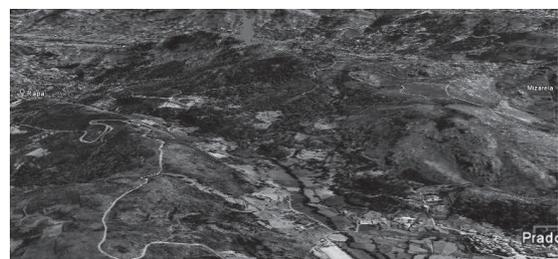


Fig. 4 Implantação geomorfológica – vista a partir de oeste (www.google-earth.com)

acentuados, intercaladas com pequenas plataformas a meia encosta. No topo norte desta cumeada, a cerca de 1,2 km da Pedra Santa, localiza-se o sítio arqueológico da Soida, distribuído por uma série de plataformas a meia encosta.

3. Pressupostos metodológicos

O levantamento arqueológico de gravuras rupes- tres pressupõe o reconhecimento por parte dos ar- queólogos de que aqueles grafismos correspondem a um tipo específico de arqueossítio. Deste modo, para ser realizado qualquer tipo de levantamento, deverá ser efectuado um pedido de autorização à tutela, como sucede para qualquer outro tipo de trabalho arqueológico, quer seja escavação, pros- pecção ou valorização. O aparente carácter menos intrusivo dos levantamentos efectuados nos sítios com arte rupestre (pintura ou gravura) não poderá ser utilizado como justificação para não se cumprir com as normas do regulamento dos trabalhos ar- queológicos que exigem que qualquer tipo de tra- balho seja alvo de um pedido específico à tutela. As gravuras e pinturas rupestres deverão ser en- caradas como uma parte do registo arqueológico, devendo por isso ser alvo de metodologia própria e estudo científico.

Deste modo, após a aprovação do pedido de autorização por parte da tutela iniciaram-se os tra- balhos de campo com uma prospecção intensiva junto da rocha alvo de levantamento, com o intuito de despiste de qualquer outro tipo de manifestação gráfica que poderia não ter sido identificada ante- riormente. Efectuou-se a visualização directa das di- ferentes superfícies rochosas susceptíveis de apre- sentar evidências artísticas pintadas e/ou gravadas. Contudo, esta prospecção não revelou qualquer outro tipo de evidência gráfica nos blocos rochosos das proximidades.

Posteriormente realizou-se o reconhecimento da rocha e das gravuras existentes, verificando-se que não existia qualquer tipo de elemento vegetal de grandes dimensões ou sedimento que impossi- bilitasse a realização do trabalho. Tendo em conta o bom estado de conservação do suporte foi efectua- do o decalque directo das gravuras. Este foi reali- zado através da colocação sobre o suporte de um

plástico transparente de tipo polivinilo, sobre o qual se passou com um marcador indelével, sobre as áreas gravadas e sobre aqueles elementos e mor- fologias naturais que a rocha apresentava como argumentos contextuais. Foi efectuado registo grá- fico, registo fotográfico integral, geo-referenciação



Fig. 5 Trabalhos de levantamento directo das gravuras

da estação, levantamento topográfico e descrição exaustiva da estação arqueológica (Fig. 5).

Os trabalhos de gabinete consistiram na conver- são do decalque e registos gráficos para suporte digital, sendo posteriormente enquadrados no le- vantamento topográfico.

4. Iconografia e processos operativos

4.1. Descrição do espaço decorado

O espaço decorado encontra-se num bloco gra- nítico, que se encontra isolado na plataforma que constitui a cumeada da elevação. Este bloco graní- tico encontra-se solto, separado do “Thor” (ou cas- telo/torre de blocos graníticos de grande dimensão) que se encontra muito próximo na zona posterior, ou seja, atrás.

Este bloco granítico historiado poderá assim ser considerado do ponto de vista geológico como uma “bola granítica”, resultante da destruição de parte do “Thor” apresentando as arestas boleadas (Ferreira e Vieira, 1999), devido ao desprendimento e altera- ção da rocha pela acção dos agentes naturais. Ao redor existem várias “bolas graníticas” transporta- das e dispostas de forma desordenada, podendo



Fig. 6 Vista geral do "caos de blocos" com a Pedra Santa em primeiro plano e o "Thor" atrás

corresponder aos denominados "caos de blocos" (Ferreira e Vieira, 1999, 34). (**Fig. 6** Geologicamente este bloco granítico é constituído pelos denominados granitos da Mizarela, que são granitos biotíticos, porfiróides e de grão médio (Ferreira e Vieira, 1999, 18). Apresenta coloração cinzenta clara, sendo visíveis a olho nu os cristais de quartzo e o feldspato, que lhe conferem uma coloração heterogénea.

São visíveis no bloco granítico alguns tipos de líquenes incrustantes (como por exemplo *Parmelia* Sp., *Candelariella* Sp., *Lepraria borealis* e *Rizocarpum geographicum*), principalmente na superfície superior, mais exposta às condições climáticas, que proporcionam o crescimento e desenvolvimento destes organismos vegetais.

A parte superior deste bloco é constituída por uma superfície aplanada e horizontal, resultante de processos diagenéticos e de processos específicos de alteração do granito. Esta morfologia atribui-lhe o formato de "mesa", sendo esta característica tipológica um factor de escolha para o acto de gravação. Este bloco, distinto dos outros, com uma superfície lisa, em forma de mesa, seguramente funcionou como atracção para a escolha do local específico para realizar as gravuras. (**Fig. 7**)

O bloco granítico tem formato ovalado, com cerca de 2,50 m de comprimento, 1,85 m de largura máxima e 80 cm de altura máxima. As paredes laterais do bloco são direitas, fazendo a aresta supe-



Fig. 7 Aspecto geral da Pedra Santa

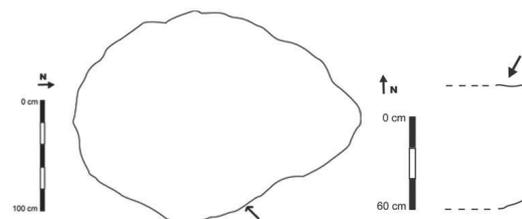


Fig. 8 Plano e perfil da Pedra Santa com indicação da localização das gravuras e do perfil

ângulo recto com a superfície plana do topo. (**Fig. 8**)

É assim um bloco granítico excepcionalmente regular, com uma superfície de topo plana e que se encontra inclinado ligeiramente para o caminho que atravessa toda a cumeada.

4.2. O dispositivo iconográfico

O dispositivo iconográfico existente distribui-se por um único painel, localizado na superfície superior do bloco granítico. É constituído por seis figuras de três tipologias diferentes: quatro cruciformes, uma morfologia circular e uma morfologia bi-triangular.

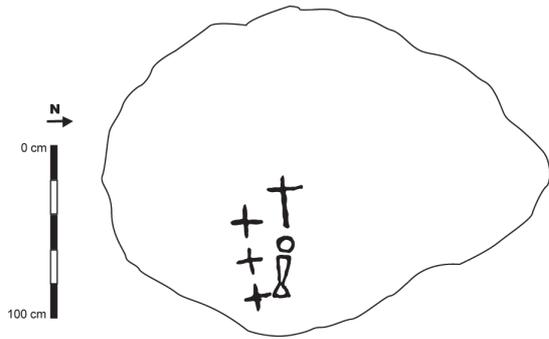
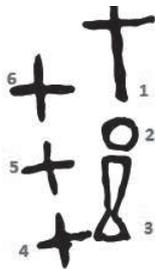


Fig. 9 Decalque das gravuras da Pedra Santa

A numeração e descrição das figuras iniciam-se no motivo superior, seguindo no sentido dos ponteiros do relógio, como se pode observar no esquema seguinte:



Motivo 1 – Morfologia caracterizada como um cruciforme simples, constituída por um traço central vertical, cruzado ortogonalmente por outro traço rectilíneo. Este segundo traço encontra-se no primeiro terço do comprimento total do traço vertical. Tem de dimensões máximas: 28 cm de comprimento e 19 cm de largura. A intersecção do segundo traço encontra-se a 7,5 cm do início do traço vertical. Foi realizada através da técnica de picotagem e posterior abrasão, sendo nalguns pontos pouco perceptíveis os negativos da picotagem, apresenta

secção em V com 0,7 cm de profundidade.

Topograficamente encontra-se no topo da composição, localizando-se em cima do motivo 2 e parcialmente do lado esquerdo do motivo 6.

Motivo 2 – Morfologia caracterizada como uma figura circular, apresentando o centro em alto-relevo, tendo sido gravado o círculo exterior. Trata-se de uma morfologia fechada, não sendo possível definir onde se iniciou a gravação deste motivo circular. Tem cerca de 8 cm de diâmetro exterior e 6 cm de diâmetro interior. Foi realizada através da técnica de picotagem e posterior abrasão, sendo nalguns pontos pouco perceptíveis os negativos da picotagem, apresenta secção em V com 0,5 cm de profundidade.

Topograficamente encontra-se no centro da composição, entre o motivo 1 na zona superior, o motivo 3 na zona inferior e localiza-se à esquerda do motivo 5.

Esta morfologia circular poderá ser interpretada no dispositivo iconográfico como a representação de uma óstia.

Motivo 3 – Morfologia caracterizada como uma figura bi-triangular formada pela junção de dois triângulos apostos, sendo o superior de maior dimensão que o inferior. Apenas foi gravado o contorno exterior dos triângulos, ficando o interior das duas figuras em alto-relevo. Trata-se apenas de uma única figura, sendo o centro da morfologia a área de junção dos dois triângulos, não sendo possível de definir o início da gravação deste motivo. Tem 23 cm de comprimento máximo, 8 cm de largura no topo, 3,5 cm de largura na área de junção dos triângulos e 9,5 cm de largura na base. Foi realizada através da técnica de picotagem e posterior abrasão, sendo nalguns pontos pouco perceptíveis os negativos da picotagem, apresenta secção em V com 0,7 cm de profundidade.

Topograficamente encontra-se na base da composição, do lado direito, tendo em cima o motivo 2 e do seu lado esquerdo os motivos 4 e 5.

Esta morfologia bi-triangular poderá ser interpretada no dispositivo iconográfico como a representação de um cálice.

Motivo 4 – Morfologia caracterizada como uma figura cruciforme simples, constituída por um traço vertical, cruzado ortogonalmente por outro traço rectilíneo. Tem de dimensões máximas 14,7 cm de comprimento e 15 cm de largura. Foi realizada através da técnica de picotagem e posterior abrasão, sendo nalguns pontos pouco perceptíveis os negativos da picotagem, apresenta secção em V com 0,5 cm de profundidade.

Topograficamente encontra-se na base da composição, do lado esquerdo, localizando-se em baixo do motivo 5 e do lado esquerdo do motivo 3.

Motivo 5 – Morfologia caracterizada como uma figura cruciforme simples, constituída por um traço vertical, cruzado ortogonalmente por outro traço rectilíneo. Tem de dimensões máximas 14,5 cm de comprimento e 14,5 cm de largura. Foi realizada através da técnica de picotagem e posterior abrasão, sendo nalguns pontos pouco perceptíveis os negativos da picotagem, apresenta secção em V com 0,5 cm de profundidade.

Topograficamente encontra-se no centro da composição, do lado esquerdo, localizando-se em baixo do motivo 6, em cima do motivo 4 e do lado esquerdo do motivo 2.

Motivo 6 – Morfologia caracterizada como uma figura cruciforme simples, constituída por um traço vertical, cruzado ortogonalmente por outro traço rectilíneo. Tem de dimensões máximas 18 cm de comprimento e 17,3 cm de largura. Foi realizada através da técnica de picotagem e posterior abrasão, sendo nalguns pontos pouco perceptíveis os negativos da picotagem, apresenta secção em V com 0,5 cm de profundidade.

Topograficamente encontra-se no topo da composição, do lado esquerdo, localizando-se em cima do motivo 5 e do lado esquerdo do motivo 1.

4.3. A concepção da Pedra Santa: o processo de criação gráfica

O processo de criação gráfica nesta rocha é constituído por alguns pressupostos, nomeadamente a selecção do afloramento para gravação. Actualmente não existe mais nenhuma representação

gráfica reconhecida nesta vertente noroeste da Serra da Estrela, podendo assim ser possível afirmar que existe uma selecção da rocha, correspondente a um determinado modelo morfológico, sendo uma rocha que pelas suas características se destaca das outras em redor. A morfologia em formato de “mesa”, ou seja, com a superfície de topo aplanada, seguramente foi uma condicionante para a escolha deste local como receptáculo do dispositivo iconográfico. Contudo, este pressuposto poderá ser refutado mediante trabalhos de prospecção intensiva direccionada para arte rupestre, onde se poderá identificar novos conjuntos gráficos.

A morfologia do bloco rochoso, distinto dos restantes, com uma superfície aplanada, e a localização a cerca de 50 m do caminho que atravessa a cumeada na direcção do povoado da Soida, foram seguramente as razões que levaram á escolha deste local para gravação desta iconografia. Não é um bloco que à primeira vista se destaque na paisagem, enquadrado no caos de blocos perto do “Thor” semi-desmantelado, mas numa visão mais atenta, a sua morfologia particular sobressai e apercebemo-nos que está no centro de um recinto natural delimitado por blocos graníticos. O acesso à Pedra Santa a partir do caminho é muito fácil, não sendo necessário transpor qualquer barreira natural ou artificial, situação que já não acontece na outra vertente, onde o “Thor” impossibilita o acesso ao bloco gravado. A direcção, disposição e inclinação do dispositivo iconográfico confirmam este facto, pois as gravuras encontram-se viradas e orientadas para o caminho. Assim ao chegarmos à Pedra Santa observamos o dispositivo iconográfico de frente para o observador.

Na Pedra Santa observamos a existência de um reduzido reportório temático, tanto do ponto de vista numérico, como em relação ao potencial espaço para gravação que oferece a superfície do bloco rochoso, levando a que o baixo número de motivos gráficos seja uma característica determinada num momento prévio à execução.

O espaço operativo foi alvo de um programa conceptual específico levando a que a gravação dos diversos motivos ficasse estabelecida previamente, formando uma cena pré-definida. Os motivos estão

organizados de maneira a transmitir uma mensagem conhecida e reconhecida pela comunidade que frequentava este espaço.

Analisando a composição podemos distinguir duas áreas temáticas, os motivos 4, 5 e 6 do lado esquerdo da cena e os motivos 1, 2 e 3 do lado direito.

Os motivos 4, 5 e 6 são idênticos do ponto de vista tipológico, morfológico e simbólico. Correspondem a cruciformes simples, constituídos por dois traços que se cruzam ortogonalmente. Estes três cruciformes encontram-se alinhados na vertical estando o motivo 4 na base, o 5 a meio e o motivo 6 no topo desta composição. Uma das suas características é a uniformidade de tamanho entre os dois traços que constituem cada um destes cruciformes. As dimensões praticamente idênticas fazem com que os braços destas cruzes sejam iguais, perdendo a necessidade de orientação da figura. Esta característica comum a estes três motivos cruciformes não é verificada na outra representação cruciforme – motivo 2, onde o traço perpendicular surge a cerca de 1/3 do tamanho total do traço central.

Os três cruciformes (4, 5 e 6) são assim muito idênticos tipológica e morfológicamente. Apenas o motivo 4 apresenta um traçado menos linear na parte inferior, situação decorrente das características geológicas do painel. No momento de gravação alguma alteração da rocha (como um elemento de quartzo mais robusto) levou a que o gravador se desviasse da linearidade do traço e este ficasse ligeiramente retorcido.

Do lado direito do painel surge outra tríade de figuras, contudo, são distintas tipologicamente. No topo desta composição encontra-se o motivo 1 – um cruciforme, distinto dos anteriormente referidos, com o braço perpendicular a cerca de 1/3 do tamanho total do traço central. Esta característica faz com que este cruciforme perca o esquematismo inerente a esta denominação e possa ser visto como a representação real de uma cruz.

Sobre esta cruz encontra-se a morfologia circular – motivo 2. Este círculo simples não é apenas uma figura sem referência espacial pois encontra-se enquadrado num determinado reportório temático. O círculo poderá ser interpretado como a representação da óstia sagrada segundo os cânones cristãos.

Esta hipótese surge reforçada com a interpretação do motivo 3 – a tipologia bi-triangular. Esta morfologia de cariz geométrico, constituída pela junção de 2 triângulos apostos (de distintas dimensões) poderá ser interpretada como a representação de um cálice, objecto utilizado nas celebrações litúrgicas cristãs.

Esta composição é assim constituída por duas zonas distintas, que à primeira observação parecem distintas, com as três cruzes de um lado e do outro os outros 3 motivos, mas na realidade são complementares, fazendo parte do mesmo programa iconográfico. Temos uma representação do cálice sagrado, com a óstia e a cruz de Cristo na parte superior, ladeada por uma tríade de cruciformes, tríade esta de cariz cristão: Pai, Filho e Espírito Santo.

5. A região e o contexto arqueológico

O estudo de um elemento patrimonial que surge isolado, sem estar integrado num respectivo contexto arqueológico necessita que seja realizado um enquadramento arqueológico geral, relacionando-o com outros sítios, achados e contextos arqueológicos. Esta dificuldade de integração crono-cultural torna-se ainda mais marcante no caso de grafismos rupestres, maioritariamente sem contexto arqueológico associado e nalguns casos com larga diacronia. Analisando a iconografia presente na Pedra Santa descarta-se à partida o enquadramento em períodos pré ou proto-históricos, remetendo para um período em que a religião cristã encontrava-se já difundida e implantada na região.

Entre a bibliografia existente para a região destacam-se os trabalhos de síntese “Arqueologia da Serra da Estrela” de Jorge de Alarcão (Alarcão, 1993) e “Levantamento Arqueológico do Concelho de Celorico da Beira” de António Valera e Ana Martins (Valera e Martins, 1994), mas sobretudo a investigação realizada por Catarina Tente, no âmbito do projecto “Estratégias de Povoamento no Alto Mondego – Séculos VII a XII”, cujos resultados reverteram para o trabalho monográfico “A ocupação alto-medieval da Encosta Noroeste da Serra da Estrela” (2007a) e posterior tese de Doutoramento “Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego. Ocupação e Exploração do Território nos séculos V

a XI" (2010), complementados por artigos publicados em revistas nacionais e internacionais (Tente 2007b, 2007c, 2007d, 2009a, 2009b). A leitura destes trabalhos, associada aos dados que a autora facultou pessoalmente, nomeadamente em relação à gravura inédita de Pedra Santa ou à delimitação do perímetro do arqueossítio de Soida, proporcionaram um significativo contributo para a componente patrimonial do processo de AIA na origem da presente publicação.

No Alto Mondego não são conhecidos até ao momento castros de clara ocupação pré-romana e os poucos conhecidos não apresentam uma reocupação medieval significativa (Tente, 2007b, 248). Contrariamente, são conhecidos povoados de altura de fundação medieval, sendo o sítio da Soida um dos exemplos mais significativos (Tente, 2007b, 249). Este povoado localiza-se a cerca de 1200m da Pedra Santa, correspondendo ao sítio arqueológico mais próximo.

O topónimo Soida, de origem muçulmana, levou a que fosse para este dirigida a atenção da investigação, tendo-se identificado vários troços de muralha, construída entre os afloramentos graníticos e algumas escassas cerâmicas, muito erodidas à superfície do terreno. Segundo informação de António Reis, o topónimo Soida derivará de *Ša'īda(h)*, que significa "local elevado"; "terra alta" ou "meseta" (Tente, 2007b, 249; Tente, 2010, 267).

Salienta-se a localização geográfica particularmente notável, ocupando um dos últimos esporões da vertente noroeste da Serra da Estrela, controlando visualmente o vale do Mondego desde a ribeira do Caldeirão até à curva do rio junto a Celorico da Beira (Tente, 2007b, 249; Tente, 2010, 267). Apesar de se localizar em frente do Castro de Tintinholo, implanta-se do outro lado de vale, não constituindo como este um marco na paisagem, pelo contrário, dissimilando-se entre as cumeadas contíguas. Não se trata de um ponto mais alto ou particularmente destacado da região (Tente, 2007b, 249; Tente, 2010, 267).

A escavação da Soida revelou que o sítio não teve qualquer ocupação de carácter habitacional anterior à época medieval (Tente, 2010, 288). Os sectores nos quais foi registada ocupação são coerentes em ter-

mos de arquitectura das estruturas habitacionais e materiais arqueológicos, sugerindo uma ocupação coeva e relativamente restrita no tempo. Assim, as muralhas existentes em Soida são de fundação medieval e contemporâneas na ocupação habitacional do sítio. A escavação da muralha, que tem cerca de 3 metros de espessura na sua fundação, sugere que teria funcionado mais como muro delimitador do espaço, utilizado pelos habitantes e seus pertences, do que estrutura como grande eficácia defensiva, já que a sua altura não deveria ser significativa (Tente, 2007b, 249). Esta base pétreia seria complementada em altura por estrutura em madeira ou paliçada. A muralha e paliçada teriam tido assim a tripla função de delimitar o espaço habitacional, servir de redil alargado de rebanhos e proporcionar defesa aos habitantes (Tente, 2010, 289).

Apenas foram registados contextos arqueológicos conservados em Soida nos sectores menos expostos e menos vulneráveis à erosão natural, sendo que a ocupação deste espaço amuralhado seria esparsa, deixando muito espaço livre entre as unidades habitacionais (Tente, 2007b, 249-250; Tente, 2010, 289).

O povoado da Soida enquadra-se numa zona de fronteira, instável por isso durante os períodos da conquista/reconquista, levando a que durante quatro séculos as populações locais tivessem que se organizar consoante os avanços e recuos, com períodos de paz e outros de grande instabilidade. Só após a fixação definitiva da fronteira na linha do Mondego, no século XI, é possível começar a vislumbrar a intervenção de um poder senhorial, que levará progressivamente à estrutura de povoamento que emerge da documentação no início da Baixa Idade Média (Tente, 2007b, 254-255).

Para a fase entre os séculos VI a VIII os dados arqueológicos são raros e a escassa documentação escrita existente para esta época não aborda este espaço. Parece contudo possível identificar a continuidade de ocupação de alguns espaços de origem romana (Tente, 2007b, 255), em locais de baixa altitude, situados em vales ou próximos destes, com substrato geológico pouco exposto e abundância de recursos aquáticos (Tente, 2007b, 255).

O segundo momento desenvolve-se entre os sé-

culos VIII e X, marcado pela invasão muçulmana e o consequente processo de avanços e recuos da conquista/reconquista, que desarticularam a estrutura do povoamento romano, que ainda sobrevivia (Tente, 2007b, 255-256). Esta terá sido uma área mais marginal de implantação do poder islâmico, que se consubstanciaria essencialmente na cobrança mais ou menos regular de tributos às populações locais e aos seus mais altos dignitários, é provável a instalação de algumas populações oriundas de sul, como indica alguma toponímia ainda existente (Tente, 2007b, 256). A intensificação dos conflitos militares conduziu a uma reestruturação da malha de povoamento, com uma progressiva deslocação das populações para pontos mais elevados, com reforço das ocupações habitacionais da vertente e do planalto serrano (Tente, 2007b, 256), porque a dificuldade de acesso e a altitude proporcionariam maior estabilidade, a salvo de ataques e pilhagens.

O povoamento estruturar-se-ia em pequenos núcleos habitacionais directamente relacionados com a pastorícia e talvez com o centeio (único cereal adaptado a estas altitudes).

Entre os séculos X e XII a paisagem reflecte a intervenção de um poder mais centralizado e à senhorialização do espaço, a que se deverá atribuir a construção dos castelos das faldas da serra e a construção dos acessos que os interligavam (Tente, 2007b, 256). Em simultâneo ocorre um processo de concentração do povoamento nas diversas aldeias que se conhecem na Baixa Idade Média.

Do Período Medieval reporta-se ainda a ocorrência de um habitat em Boiticela (CNS 12879). Sobre este sítio foi implantada uma quinta, embora sejam reconhecidos vestígios cerâmicos que atestam a ocupação medieval do local. Na origem seria um provável casal agrícola do século XII, de acordo com a data de fixação do topónimo, destacando-se o grande domínio sobre a cidade da Guarda.

As vias e pontes são elementos patrimoniais relevantes e significativamente representados no entorno da área de estudo. Destaca-se a Ponte de Pêro Soares/Mizarela (CNS 12881), a Calçada de Pêro Soares/Mizarela (CNS 24560), a calçada de Portela, a Calçada de Titinolho e a Calçada do Mercado.

As necrópoles medievais encontram-se ampla-

mente atestadas na área envolvente à área estudada, com sepulturas escavadas no afloramento granítico, antropomórficas e não antropomórficas. Em Prazos regista-se um conjunto de cinco sepulturas e em Póvoa registam-se três sepulturas. A Tapada do Bufo 1 (CNS 3319) consiste numa necrópole constituída por oito sepulturas.

Nas proximidades da área de estudo existe ainda referência a estruturas rupestres relacionadas com lagares e lagaretas -Tapada do Bufo 2 (CNS 12878).

5. Pedra Santa: como, porquê, para quê e por quem? Valorização iconográfica, simbólica e cronológica.

A Pedra Santa é um elemento patrimonial que apesar de ser singular na zona encontra paralelos em diversos locais do nosso território. A acção sacralizadora de elementos naturais através da marcação de símbolos é uma prática comum ao ser humano desde períodos pré-históricos. A antropização da paisagem leva a que tenhamos controlo sobre ela, “domesticando-a” e integrando-a no nosso território, transformando por vezes um espaço natural num espaço simbólico.

A marcação de locais especiais, quer pelas suas características morfológicas quer por relatos mitográficos, tornou-se numa prática comum, realizada até aos nossos dias. Esta marcação transmite uma mensagem, que pode ser compreendida apenas por um grupo restrito ou por toda a comunidade, adquirindo os símbolos a função de linguagem. Reflectem assim o pensamento simbólico do grupo que os realizou, tendo um contexto específico, apesar deste se prolongar no tempo, como é o caso estudado.

Na Pedra Santa foi gravado um reportório iconográfico de claro cariz religioso, sendo estes símbolos pertencentes à religião cristã. O acto de gravar, de marcar na rocha, que pelas suas características despertou a atenção de um(ns) indivíduo(s), adquire uma simbologia muito específica. Trata-se de uma acção sacralizadora do elemento natural de cariz profano transformando-o simbolicamente em elemento sagrado. Através da gravação destes símbolos esta rocha passou a ser um local religioso, que ficará para sempre marcado na natureza,

antropizando-a.

O acto de gravar na rocha, ao contrário da pintura, tem inerente um cariz perpétuo, de imortalidade dos símbolos, que ficarão para sempre visíveis a quem por ali passar.

O topónimo Pedra Santa revela-nos por si só que este sítio arqueológico seria bem conhecido das comunidades existentes na zona, situação que continua até aos nossos dias. A Pedra Santa é assim um local onde é observada e reconhecida uma iconografia cristã e que tem uma simbologia reconhecida e específica. A população conhece o local específico através da transmissão oral de gerações em gerações, situação esta recorrente em diversos sítios arqueológicos. Este local é parte integrante do quotidiano destas comunidades, faz parte do seu território, não só das comunidades actuais mas desde que foram feitas estas gravações.

A própria iconografia é sintomática de uma determinada ideologia que nos permite estabelecer uma baliza cronológica, pois os símbolos cristãos apenas surgem em períodos históricos. Apesar de nas pinturas e gravuras pré e proto-históricas existirem representações esquemáticas de figuras antropomórficas semelhantes tipologicamente aos cruciformes, a distinção é feita categoricamente pelas técnicas de gravação, pela pátine das gravuras e nalguns casos pelas sobreposições.

O acto de sacralizar locais profanos com iconografia cristã, nomeadamente representações de cruciformes encontra-se bem documentado em várias estações arqueológicas no nosso território. Vários sítios com arte rupestre pré-histórica foram sacralizados em época medieval ou moderna através da gravação de cruces, por vezes em cima dos motivos anteriores ou nas proximidades das composições. Também muitas antas, penedos ou abrigos, geralmente com lendas associadas, foram alvo da marcação de cruces e outra iconografia diversa.

Estes sítios pré-históricos eram conhecidos das comunidades medievais e modernas, que os reconheciam como sendo antigos, anteriores à memória colectiva e por isso a maneira de os transformar em locais seguros, livres de superstições e feitiços, era cristianizá-los marcando-os com cruces católicas. Um dos exemplos é a estação de arte rupestre

Chã da Rapada, em Britelo (Ponte da Barca), onde existem várias rochas gravadas com motivos proto-históricos (figuras antropomórficas, espirais, reticulados) e sobre as quais e em outras nas proximidades foram gravadas dezenas de cruces, num acto sistemático de transformação da mensagem daquele sítio, transpondo-o para o mundo cristão (Martins, 2006). Esta estação de arte do Noroeste encontra-se também numa das vias secundárias do caminho para Santiago de Compostela, local de peregrinação desde a época medieval e por isso muito frequentado por cristãos. A profusão de cruces nestas rochas poderia funcionar como uma espécie de *Ex Votos* ou oferendas colocados num local especial de culto.

No caso da Pedra Santa não verificamos esta sacralização de um anterior local com marcas antrópicas mas sim a antropização de um bloco natural que pelas suas características morfológicas proporcionou a realização de determinado dispositivo iconográfico. O formato de mesa, com a superfície de topo plana, transporta-nos para a mesa onde se celebra a eucaristia e as gravuras aí representadas correspondem a objectos usados nesta cerimónia e a símbolos a ela associados. O cálice sagrado e a hóstia, símbolos do sangue de Cristo e do corpo de Cristo são objectos e imagens que surgem nas iconografias da consagração na missa. Estes mesmos símbolos são utilizados frequentemente em diversos objectos católicos como por exemplo as estolas dos sacerdotes ou as custódias. A cruz maior sobre a hóstia é a representação de Jesus Cristo crucificado a quem é consagrada a eucaristia, que tem o seu momento principal na consagração do corpo de Cristo com a hóstia e o cálice levantados. Esta tríade, cálice, hóstia e cruz é a que vemos representada (na direcção correcta) na Pedra Santa. Ao lado desta iconografia simbólica encontramos três cruciformes, que como foi anteriormente referido são representações esquemáticas de cruces, que correspondem à tríade católica Pai, Filho e Espírito Santo. Estamos assim perante uma iconografia claramente litúrgica.

Perante este facto poderemos avançar com a hipótese que neste local seriam realizadas celebrações litúrgicas, que poderiam ser missas ou cerimónias

nias mais pequenas ligadas por exemplo a procissões, terços ou a uma via sacra. Poderia também ser apenas um local sacralizado como as alminhas, colocadas em encruzilhadas para proteger do Diabo, onde se rezava e agradecia a Deus ou ao Santo devoto pela protecção da alma. No caso da Pedra Santa a sua localização num dos pontos mais altos da região poderá também ter sido um factor de escolha deste local.

Em relação à cronologia torna-se muito difícil estabelecer um período específico. O sítio arqueológico mais próximo do local é o povoado medieval da Soida que se localiza no extremo desta cumeada e cujo caminho de acesso é necessariamente a via junto à Pedra Santa. Estaria a Pedra Santa integrada na área do povoado, funcionando como o espaço onde eram realizadas as cerimónias religiosas? A instabilidade política poderia impossibilitar o acesso desta comunidade a zonas mais baixas onde se localizariam os locais de culto tradicionais. Da mesma maneira a própria localização do povoado, numa zona muito elevada, com acessos difíceis dificultaria, mesmo em períodos estáveis, a deslocação dos crentes para o serviço litúrgico. A solução para esta situação poderá ter sido a transformação de um monumento natural em um monumento simbólico, antropizando a paisagem e criando um espaço de cariz ritual.

Porém estas gravuras poderão ter sido feitas num período posterior, já em época moderna, como verificamos em diversos sítios arqueológicos. A inexistência de um contexto arqueológico directamente associado à Pedra Santa e a impossibilidade da realização de datações directas leva a que a questão cronológica nunca seja estabelecida e definida, podendo apenas ser possível afirmar que estas gravuras são medievais-modernas.

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de (1993) – *Arqueologia da Serra da Estrela*, Manteigas: Instituto de Conservação da Natureza e Parque Natural da Serra da Estrela.

FERNANDES, Carla; FONSECA, Cristóvão (2008) – *Relatório Estudo de Impacte Ambiental Parque Eólico de Prados*, Archeosfera – Estudos e Consultado-

ria em Arqueologia, Lda (texto policopiado)

FERREIRA, Narciso; VIEIRA, Gonçalo (1999) – *Guia Geológico e Geomorfológico do Parque Natural da Serra da Estrela – Locais de Interesse Geológico e Geomorfológico*, Edição Instituto da Conservação da Natureza e Instituto Geológico e Mineiro, Lisboa, 111 p.

Martins, Andrea (2006) – *Gravuras rupestres do Noroeste Peninsular: a Chã da Rapada*, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 9, número 1, pp. 47-70.

TENTE, Catarina (2007a) – A ocupação alto-medieval da Encosta Noroeste da Serra da Estrela, *Trabalhos de Arqueologia*, 47, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

TENTE, Catarina (2007b) – Comunidades medievais cristãs do Alto Mondego: projecto de estudo das estratégias de ocupação do território, *Promontoria – Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, Ano 5 – N.º 5, pp: 245- 269.

TENTE, Catarina (2007c) – Lagares, lagaretas ou lagariças rupestres na vertente noroeste da Serra da Estrela, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.10, n.º 1, p. 345-366

TENTE, Catarina (2007d) – Paisagens Humanas Alto-medievais na Vertente Noroeste da Serra da Estrela (Portugal), *Territorio, Sociedad y Poder, Oviedo*, n.º 2, p. 87-108.

TENTE, Catarina (2009a) – Viver em autarcia. O Alto Mondego entre os séculos V e XI, *Tiempos oscuros? Territorio y sociedad en el centro de la Península Ibérica (siglos VI-X)*, Salamanca. (no prelo)

TENTE, Catarina (2009b) – Dos Bárbaros ao Reino de Portugal. O território de Celorico da Beira nos séculos V a XII, *Celorico através da História*, Celorico da Beira, p. 50-66.

TENTE, Catarina (2010) – *Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego. Ocupação e exploração do Território nos séculos V e XI*. Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em História, especiali-

dade de Arqueologia.

VALERA, António Carlos Neves de & MARTINS, Ana Margarida (1994) – *Levantamento Arqueológico do Concelho de Celorico da Beira*, Relatório do Trabalho de Campo. Lisboa. 2, p. 273-282.

www.google-earth.com

www.igespar.pt

<http://www.monumentos.pt/>

<http://catolicoscomfe.blogspot.com/2010/10/simbolos-liturgicos.html>

<http://www.cantodapaz.com.br/blog/2007/06/04/o-milagre-eucaristico-de-lanciano/>

Processos consultado no IGESPAR, I.P.:

- Povoamento na Alta Idade Média no Alto Mondego. Séc. VII a XII – 2005/1 (642)

- PNTA/2002 – A Ocupação alto-medieval da encosta noroeste da Serra da Estrela

- 2006/1 (186) – Levantamento Arqueológico no Concelho da Guarda

- 2004/1 (197) – PNTA Povoamento Romano na Vertente Nordeste da Serra da Estrela